

Carta Arqueológica do Concelho de Mértola

Ana Rita Santos
Maria de Fátima Palma
Susana Gómez Martínez
Virgílio Lopes

.....
Campo Arqueológico de Mértola

Resumo

O projecto da *Carta Arqueológica do Concelho de Mértola* tem vindo a ser desenvolvido desde 1978 por alguns investigadores do Campo Arqueológico de Mértola, que por motivos vários se têm debruçado sobre este vasto território. Ao longo dos anos ficaram registados diversos sítios de interesse arqueológico, informações dispersas e para muitos desconhecidas, e que merecem ser salvaguardadas.

Partindo deste conjunto de registos e de algumas referências bibliográficas, a equipa do Campo Arqueológico de Mértola começou em 2004 a organizar toda a informação, fazendo um ponto da situação que permitiu, em 2005, iniciar o trabalho de campo, prospecção arqueológica, em busca de resultados mais abrangentes.

Abstract

Since 1978 the project *Carta Arqueológica do Concelho de Mértola* has been developed by researchers who, for different reasons, have studied this vast territory. Over the years, several places of archaeological interest have been registered, a series of scattered information, unknown to many, which deserve to be preserved.

Bearing this in mind and starting from this set of registrations and some bibliographic references, the *Campo Arqueológico de Mértola* team started organizing all the information in 2004, which allowed, in 2005, the beginning of field work and archaeological research in search of more extensive results.

Estratégia e Metodologia

No que respeita às metodologias utilizadas neste trabalho, a equipa do CAM tentou organizar de uma forma bastante coerente todos os passos necessários para que nenhuma informação fosse deixada para trás, visto que são inúmeros os dados acerca dos sítios de interesse arqueológico, que ao longo dos anos têm resultado dos vários estudos sobre o Concelho de Mértola. Sobre cada um desses sítios, a quantidade de informação de que dispomos é sempre diferente, acontecendo em alguns casos tratar-se simplesmente de uma indicação da possível localização.

A primeira fase de todo este processo passou necessariamente pela pesquisa bibliográfica, da qual resultou um conjunto bastante significativo de artigos, trabalhos de investigação, estudos de impacte ambiental, entre outros com muitas indicações, as quais nos permitiram definir uma boa estratégia para a prospecção no terreno, onde procedemos à verificação desses sítios arqueológicos já referenciados e simultaneamente, identificamos uma grande quantidade de novos sítios, testemunhos de uma longa ocupação em todo este território.

Em consequência da vasta área que integra o concelho de Mértola, 1 279,40 km², os trabalhos de prospecção arqueológica desenvolveram-se por parcelas que definimos em primeiro lugar tendo em conta as duas margens do rio Guadiana e depois por freguesias. Assim, a segunda fase deste projecto consistiu na prospecção nas freguesias da margem esquerda (Corte do Pinto, Santana de Cambas e Mértola) e na terceira fase prospectou-se a área correspondente às freguesias da margem direita (Alcaria Ruiva, São João dos Caldeireiros, São Sebastião dos Carros, São Miguel do Pinheiro, São Pedro de Sólis, Espírito Santo e Mértola, visto que esta freguesia se estende pelas duas margens do rio). Em ambos os casos, a equipa procedeu à análise morfológica e topográfica da paisagem (elevações anómalas do terreno; existência de irregularidades topográficas ou da vegetação; existência de cursos ou fontes de água; tipo de coberto vegetal, entre outros), nunca descurando os topónimos e micro-topónimos que fomos conhecendo e registando em resultado dos diálogos que tivemos com a pouca população que ainda resiste nas aldeias e montes deste Baixo Alentejo quase despovoado. Estas informações orais conduziram-nos a muitos dos sítios que integram o conjunto da Carta Arqueológica do Concelho de Mértola. Em cada um desses sítios arqueológicos foi recolhido algum espólio significativo, o qual se encontra tratado e identificado com a respectiva informação contextual.

Do conjunto de sítios que compõem a Carta Arqueológica é de destacar a inclusão gráfica e cartográfica dos moinhos de vento e de grande parte dos moinhos de água existentes no concelho.

Avaliação dos resultados

É imprescindível para a elaboração da carta arqueológica o contacto directo com o terreno, o olhar, o observar, o imaginar, o descobrir, o tentar perceber aquilo que muitas vezes não é perceptível. Todo este processo requer paciência mas os resultados superam qualquer tipo de desânimo.

De acordo com os critérios definidos¹ nas Fichas de Sítio individuais², procurou-se em cada uma das estações arqueológicas retirar o maior número de informações possíveis (tipo de sítio, localização geográfica, cronologia, descrição do sítio, ameaças, espólio, uso do solo, entre outros...), sendo que, em certos casos os vestígios identificados não possibilitaram a determinação de alguns desses critérios, devido, muitas vezes, às características do terreno, à vegetação existente e a factores diversos, muitos deles relacionados com a implantação de projectos florestais. Seleccionamos para esta apresentação um reduzido conjunto de sítios dispersos pelas duas margens do Guadiana, cujas características resumem uma realidade bem mais complexa. Tentamos explicar um pouco das características de cada sítio que apresentamos e começamos pela vila de Mértola, como um todo, a cidade romana e islâmica de outrora onde para além dos inúmeros vestígios arqueológicos já bem conhecidos de todos, surgem constantemente novos testemunhos de ocupações mais antigas que continuam a surpreender os investigadores e a trazer à luz do dia novos dados históricos sobre o importante papel desta cidade no Mediterrâneo.



Fig. 2 - Aspecto de uma das galerias identificadas no Cerro do Ouro, no percurso final da ribeira de Oeiras

A área que actualmente corresponde à Freguesia de Corte do Pinto é rica em povoados romanos e escoriais, muitos deles associados à exploração mineira dos filões existentes nesta zona (Carneiro; 1998, 115-121), como é o caso do conjunto das Minas de São Domingos. Menos conhecido porém é o Cerro do Ouro, localizado junto à Ribeira do Chança, perto da conhecida Volta Falsa, onde encontramos várias galerias, com respiradouros, poços e níveis de escorrimento da exploração mineira que ali aconteceu certamente por um longo período

1 - Nº. de Registo; CNS; Designação; Distrito; Concelho; Freguesia; Lugar; C.M.P. 1:25000/Folha nº.; Latitude N; Longitude W (Greenwich); Altitude (m); Tipo de sítio; Período Cronológico; Descrição do Sítio; Bibliografia; Proprietários; Estado de Conservação; Ameaças; Uso do Solo; Acessos; Espólio/Descrição; Observações; Registos Gráficos e Cartográficos.

2 - Serviu-nos de base a Ficha de Sítios Arqueológicos do IPA.

de tempo, trazendo alguma prosperidade para a região. Mais próximo da vila de Mértola, ainda na margem esquerda, encontram-se outros pequenos núcleos de exploração mineira, como é o caso das Minas dos Espanhóis, junto a Corte de Sines. Mas não é apenas na margem esquerda do rio que se conhece este tipo de actividade. A equipa do CAM identificou bastantes minas/sondagens mineiras, respiradores e caminhos empedrados de acesso às mesmas em vários locais a Oeste de Mértola, e em particular no percurso final da Ribeira de Oeiras. Uma grande parte destas minas nunca foi conhecida em funcionamento, é o caso do Cerro do Ouro perto do Monte dos Namorados. Outras porém são de períodos mais recentes, não se excluindo a hipótese de nestes locais terem existido explorações mineiras anteriores, por exemplo no período romano, como actividade complementar dos pequenos agricultores e pastores. A região a Norte de Mértola, em rompimento com o restante território do concelho, é rica na diversidade de vestígios que aí permaneceram em representação de uma continuidade ocupacional com início no Paleolítico e até aos nossos dias. De facto, é apenas aqui que se encontram as mais diversificadas marcas dos diferentes períodos cronológicos, da pré-história à actualidade (antas, minas, povoados romanos, medievais, modernos e estruturas contemporâneas). Destacam-se nesta região a anta da Herdade das Pias e a anta do Vale das Antas, dois dos poucos monumentos megalíticos conhecidos no concelho de Mértola e cuja tipologia leva a que lhe seja atribuída uma cronologia entre o V e o III milénios a.C..



Fig. 3 - Anta das Pias, depois da intervenção de valorização, através de um projecto de arquitectura paisagista levado a cabo pela Associação de Defesa do Património de Mértola.

Note-se que, as terras desta área do concelho são bastante férteis e planas, os terrenos são denominados de barrentos, com abundantes cursos água, propícios a uma boa agricultura e à fixação de gentes. Já no limite do concelho, junto à ribeira de Terges e Cobres, localiza-se a capela de São Lourenço e nas imediações da mesma foram identificados dois povoados cujas dimensões perceptíveis superficialmente demonstram mais uma vez as potencialidades destas terras e a forma como em tempos foram convidativas à criação de povoados.



Fig. 4 - Vista geral da Capela de São Lourenço

Na área que hoje corresponde às freguesias de Espírito Santo, São Sebastião dos Carros e São Miguel do Pinheiro, registamos uma maior concentração de povoados, com características semelhantes entre si. São sobretudo sítios denominados de *Alcarias*, típicos do período Medieval Islâmico, mas que em muitos dos casos possuem já uma ocupação anterior (período romano e tardo-romano). Geralmente, junto às aldeias existe sempre um sítio que todos conhecem por *Alcarias* ou *Alcarial*, onde regra geral se afere uma grande quantidade de material cerâmico, sobretudo telhas de meia cana, uma forte presença de oliveiras e azinheiras antigas e normalmente situam-se junto a um pequeno curso de água. Evidencia-se o povoado Islâmico de *Alcaria Longa*, onde os trabalhos de escavação aí realizados mostraram um conjunto habitacional cuja ocupação ocorreu entre o século X e finais do século XII (Boone; 1993, 111-125). No que respeita ao período romano, destacamos ainda nesta zona, a fortificação e o povoado de *Papa Leite*, datáveis do período romano (estrutura acastelada do século I a.C. e abandonada no século I/II d.C. e reocupada por volta do século IV, muito provavelmente como *villa* agrícola), mas a mesma área terá servido, posteriormente, no período Islâmico, como local de fixação de um outro povoado. O *Castelo de Manuel Galo* é um outro exemplo dos povoados rurais fortificados (muros de pedra – xisto - e barro) reparados de geração em geração defendendo assim a comunidade. Terá sido edificado na segunda metade do século I a.C., e para além de núcleo habitacional, serviria também como construção de apoio à mineração (Maia; 1978, 279-285).



Fig. 5 - Pormenor do Castelo de Manuel Galo

Em Quintã Dona Maior, freguesia de São Pedro de Sólis, no extremo Sudoeste do concelho, encontra-se uma *Villa* Romana, implantada numa várzea fértil onde são visíveis bastantes materiais à superfície (tégulas, *opus signinum*, *sigillata hispânica*, *sigillata clara* e blocos de pedra bem afeiçoados) e onde se nota a importância que deve ter tido o povoado em época romana e também em épocas posteriores. Junto a esta *villa* existe uma necrópole de cronologia indeterminada e um *Torrejão* de época romana, construído com pequenas e médias pedras, tijolo miúdo e ligados por uma forte argamassa de cal. Desconhecemos ao certo a sua função, embora se associe a estrutura a um mausoléu ou a um edifício termal, hipóteses que carecem de confirmação arqueológica.



Fig. 6 - Vista geral do sítio Quintã de Dona Maior. Assinala-se as zonas de implantação da villa.

Apreciações finais

Devido principalmente à grande extensão do concelho de Mértola, mas também a todas as condicionantes que a prospecção arqueológica implica, este processo revelou-se moroso e de certo modo difícil. Porém, o trabalho de campo produziu resultados bastante positivos para o bom desenvolvimento do projecto, e para um melhor conhecimento do património arqueológico do concelho, que deste modo fica salvaguardado de acções que o poderão afectar futuramente. O conjunto de sítios arqueológicos agora reunidos ultrapassa os quatrocentos registos, dos quais, cerca de cento e cinquenta são totalmente inéditos.

Tal como referimos no início, este projecto tem vindo a desenvolver-se desde há muito e seguramente não se esgota aqui, ficam com certeza sítios por descobrir, sítios que passam mais despercebidos, sítios dispersos, sítios que por uma ou outra razão não são receptíveis ao olhar... Permanece assim a possibilidade de identificar novos locais de interesse arqueológico em momentos posteriores, de forma a conhecer melhor a ocupação deste vasto território.

Bibliografia

- BOONE, James (1993), *The third season of the excavations at Alcaria Longa* in *Arqueologia Medieval*, nº 2, Porto/Mértola, p. 111-125.
- Idem (1994), *Rural settlement and islamization in the Lower Alentejo of Portugal. Evidence from Alcaria Longa* in *Arqueologia en el Entorno del Bajo Guadiana. Actas del Encuentro Internacional de Arqueologia del Suroeste*, Huelva, Grupo de Investigacion Arqueologica del Patrimonio del Suroeste, p. 527-544.
- CARNEIRO, André M. (1998), *Estabelecimentos mineiros romanos na bacia do Guadiana* in *Vipasca*, nº 7, Aljustrel, p. 115-121.
- MAIA, Manuel Maria da Fonseca Andrade (1978), *Fortalezas romanas do sul de Portugal* in *Zephyrus*, Salamanca. 28-29, p. 279-285.
- MOITA, Irisalva Nóbrega (1965), *A carta arqueológica da margem esquerda do Guadiana e o Museu de Serpa (projecto)* in *Lucerna*, nº 4, Porto, p. 140-152.
- TORRES, Cláudio (1992), *Povoamento Antigo do Baixo Alentejo, alguns problemas de topografia histórica* in *Arqueologia Medieval*, nº1, pp. 189-202.
- Idem (1995), *O espaço familiar e formas de habitar no Garb al Andaluz* in *Actas das 1ªs Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 33-40.
- VASCONCELLOS, José de Leite de (1900), *Da Lusitânia à Bética* in *O Arqueólogo Português*, nº 5, 1ª série, Lisboa, p. 224-249.
- VEIGA, Sebastião Filipe Martins Estácio da (1880) *Memória das antiguidades de Mértola. Observadas em 1877 e relatadas*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 191.